

- 11 J. da Silva Lisboa. "Roteiro Brasílico". nº 1, p. 8; nº 4, p. 62-3 e nº 10. p. 24. (1822).
- 12 Idem. nº 8, p. 1; nº 9, p. 1. (1822).
- 13 Idem. nº 3, p.33 (1822)
- 14 Norberto Bobbio. "A Teoria das formas de governo". Brasília: UNB, 1980. (*Pensamento Político*, 17) p.118.
- 15 José da Silva Lisboa. "Roteiro Brasílico". nº 2, p.10; "Império do Equador..." *Parte II: Breve resposta...* p.13-5
- 16 Norberto Bobbio. "A Teoria..." p.120-7.
- 17 "O Conciliador do Reino Unido". nº 4, 31 mar 1821; nº 7, p. 60 (1821).
- 18 J. da Silva Lisboa. "Roteiro Brasílico". nº 11, p. 2. (1822).
- 19 Idem. nº 11, p. 8 (1822).
- 20 Guilherme Pereira das Neves. "E receberá mercê: a Mesa de Consciência e Ordens e o clero secular no Brasil - 1808 - 1828". Rio de Janeiro: *Arquivo Nacional*, 1997. p. 123-4 e 130-1.

## A PROSTITUIÇÃO A PARTIR DOS DISCURSOS MÉDICOS

*Renata Fernandes Marques\**

É uma moça gasta para os prazeres:  
ainda jovem no corpo, mas velha  
n'alma (...) Eis o que é Lúcia; daqui  
a algum tempo o hábito fará dela  
mesmo que tem feito das outras:  
Envelhecerá o corpo, como já envelheceu a alma.

*( José de Alencar, Lucíola, 1862)*

A legitimação do saber médico deu respaldo à elaboração de trabalhos sobre os mais diferentes assuntos. Por volta do século XIX e início do século XX, tem-se um envolvimento do saber médico com as questões referentes ao cotidiano social e conjuntural do País, em especial sobre suas áreas de maior desenvolvimento, como no caso da cidade do Rio de Janeiro.

Centrando-me na temporalidade que delimitou os primeiros anos do século XX, pude perceber em relação à cidade do Rio de Janeiro, a presença de um saber médico que estava destinado a estudar e analisar tudo que estivesse relacionado à sociedade e à complexidade urbana do Rio.

Em decorrência das epidemias que assolavam a cidade - febre amarela, varíola, cólera e sífilis e da lepra - dá-se início a vários estudos médicos destinados a descobrir e combater tais doenças. Como efeito destes estudos se decodificou como causadores destas epidemias fatores de condições sanitárias precárias e de abalos a integridade moral. Dentre os inúmeros fatores de abalo a integridade moral da cidade, presentes nos discursos médicos, temos: homossexualismo, alcoolismo, onanismo, sadismo, lesbianismo e prostituição. Nesta parte do trabalho irei deter-me na prostituição e nas diversas formas que este objeto assume no interior do discurso médico.

Ao falar em prostituição, um aspecto coloca-se em evidência: a vontade de saber do cientista transformou o corpo, o desejo e o prazer em objetos do conhecimento, formulando um discurso sobre o sexo que não era "unicamente o da moral, mas da racionalidade".<sup>1</sup>

Neste contexto a medicina e demais áreas afins passaram a ser demarcadoras de um desenvolvimento da ciência sexual, que tem suas origens analisadas da seguinte forma:

Trata-se, pois, das origens de uma ciência sexual que, produzindo o sexo como objeto de conhecimento, desenvolver-se-ia através de investigação sobre o comportamento sexual em várias áreas do conhecimento, entre as quais destacam-se, particularmente, a medicina, a demografia, o direito, a economia, a pedagogia, a psiquiatria, a psicanálise e, em datas mais recentes a sexologia.<sup>2</sup>

Tal contexto é analisado por Marilena Chauí como a representação do processo de cientificação do sexo.

Detendo-me nas análises das teses da Academia Nacional de Medicina e da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, constatei que o conceito de prostituição encontrava-se, diante do saber médico vinculada à idéia de doença, fazendo com que em suas teses o médico a colocasse como uma ameaça que, transcendendo a extensão do corpo, atinge a família, o casamento, o trabalho e a propriedade.<sup>3</sup>

Tomando como referência a fala do médico, temos a comprovação de que existia no início do século XX a perspectiva de normatizar, de acordo com os padrões burgueses, os comportamentos sexuais, afetivos e sociais dos indivíduos que habitavam a cidade neste período possibilitando, a partir de uma análise sobre o período *Pereira Passos*, a afirmação de que o *Projeto de reurbanização da cidade do Rio de Janeiro*, apresentava como finalidade a intenção normatizadora do espaço e dos corpos.<sup>4</sup> Sendo assim, o saber médico atuou neste período com a função de conter tudo aquilo que era visto como o *Caos Urbano*, herdado do período colonial.

O respeito e a valorização conferidos ao saber médico pode ser observado pelo fato dos demais discursos literários, policiais e jurídicos tomarem como referência o olhar médico e a perspectiva tida pela medicina de ordenar a *desordem urbana*, o que viabilizou a realização de mudanças que anunciavam a construção de uma *ordem burguesa* no seio da sociedade burguesa.

A preocupação em normatizar as práticas sexuais desenvolvidas pelas prostitutas gerou a elaboração de teses que embora não tratassem diretamente da prostituição, sempre giravam as lentes científicas para a mulher e o corpo da mesma, demonstrando uma preocupação com a sexualidade, a partir da abordagem de temas como: o amor, o casamento, a família e o aborto.

A necessidade apresentada em normatizar a prostituição através das regras delimitadas pelo saber médico, fazia-se necessária por dois aspectos: eliminá-las do convívio social era algo que poderia vir a comprometer a manutenção dos casamentos higiênicos, posto que os homens uma vez sem ter mais as prostitutas para liberarem seus anseios animais, iriam passar a liberarem seus desejos sexuais dentro das relações conjugais, vindo a comprometer a preservação de seu casamento higiênico e sadio e a constituição física e psíquica de suas possíveis proles. E ainda pelo fato de que a presença destas no cotidiano da rua, poderia vir a contaminar as esposas-mães e as moças de famílias, que segundo a visão do período deveriam continuar virgens até a consolidação do matrimônio e após tal acontecido, deveriam ver as práticas sexuais não com a finalidade de realização e satisfação sexual, mas sim como meio de procriação da família. Esta preocupação com a questão da contaminação esta presente na seguinte colocação do Dr. Caminhoá, Membro da Academia Nacional de Medicina:

O espetáculo público da prostituta expondo seu corpo em atitudes provocantes funcionaria como estímulo aos instintos de outros corpos, aprisionando nas malhas da perversão as vítimas saudáveis...<sup>5</sup>

O saber médico ao tratar da prostituição sempre a correlaciona com a idéia do *corpo doente*, *foco de transmissão das moléstias venéreas*, o que a concebe como fator responsável pela degeneração das raças, produzindo corpos envelhecidos prematuramente, devastados pelo escrofolismo, pelo raquitismo e pelo linfatismo.

Nas teses médicas, imagens como a do cancro, da chaga, da úlcera, da gangrena, do vírus, freqüentemente utilizadas para identificar a

prostituição, revelam como diagnóstico a prostituição como uma enfermidade do corpo, um foco infeccioso que ameaça a saúde e a vida. Neste contexto a dimensão do perigo é ampliada e aprofundada pelo estabelecimento de um vínculo estreito com a idéia de contaminação. Neste sentido a prostituição ostensiva, espalhada pelas ruas, é apontada como fator de disseminação da sexualidade pervertida.<sup>6</sup>

Outra análise que os médicos destinaram-se a realizar em torno das prostitutas fora em termos morais, onde também se denota nas teses uma visão negativa da medicina em relação a estas mulheres, posto que suas imagens eram sempre codificadas a partir dos seguintes adjetivos: *mentirosa, astuta e falsa*.

Tais adjetivos se colocavam em evidência pelo saber médico, pelo fato do corpo dessas mulheres ao mesmo tempo que tinham o poder de seduzirem os homens pela magnitude do belo, em determinados casos ocasionavam o fim de suas vidas pelas doenças que lhes transmitiam. Tal análise gerava sob a identidade das prostitutas uma ambigüidade, que era demarcada por associações feitas a figuras como, por exemplo, a harpia (monstro com rosto de mulher e corpo de abutre). Tal realidade está presente na tese do Dr. F. F. de Macedo, em que este chega mesmo a caracterizar as prostitutas como "Harpas disfarçadas em criaturas humanas".<sup>7</sup>

A prostituição encontrava-se revestida de um véu até então nunca descoberto, a medicina ao iniciar seus estudos em relação a este objeto, deparou-se com um elemento por deveras complexo e até então não percorrido. Durante as análises os médicos depararam-se com vários obstáculos, que foram passo a passo sendo rompidos pela busca da verdade científica. Este envolvimento da medicina por este labirinto que representou o cotidiano da prostituição, e a consciência médica em relação a essa questão, encontra-se presente em teses como a do Dr. Herculano A. L. Cunha:

Lançamo-nos em uma imensa charneca, ainda não roteada, na qual se acouta a fera da libertinagem; e sem um guia que nos desse a mão aventuramo-nos a explorar seus esconderijos para investirmos contra ela, inermes como estamos em sua própria toca.<sup>8</sup>

Para compreender o seu objeto de estudo o olhar médico passou a devastar o cotidiano das prostitutas, observando-as em suas atividades sexuais, em sua alimentação, no sono e no asseio. Em seus discursos os médicos realizavam descrições minuciosas, onde nada escapavam-lhes de suas observações e análises. Diante desta conjuntura, os médicos assumiram mais uma de suas funções: desnudar o corpo da prostituta e, removendo a máscara que o tornava bonito e desejável, classificá-lo como *perigoso*, rotulá-lo de *fonte de infecção*. A partir do olhar médico, tudo que representava o cotidiano das prostitutas, era visto dentro de uma lógica do desregramento, que gerava a debilidade do organismo.

Como já fora explanado, o significado e o cotidiano da prostituição era bastante amplo, compreendendo o conjunto das relações sexuais consideradas, de acordo com a perspectiva médica, como antinaturais e/ou moralmente condenáveis. As condutas sexuais qualificadas como imorais podem ser reconhecidas no discurso, através das associações e identidades entre prostituição e adultério, infidelidade, concubinato, mancebia, união criminosa, poligamia. Dentro desta lógica a prostituição é vista não apenas como a mulher que "publicamente mercantiliza com os prazeres sexuais", mas também como aquela que "transviada das regras da honestidade entretinham relações ilícitas com mais de um indivíduo ou ainda, como aquela que usa e abusa dos prazeres sexuais sem a intenção de procriar". A amplitude do termo *prostituição*, está presente na seguinte colocação:

A prostituição é o uso da cópula natural por depravação de costumes, o da cópula antifísica e o do seu arremedo por quaisquer práticas imorais.<sup>9</sup>

Ao voltar as lentes científicas do saber para o mundo da prostituição os médicos buscaram entender e diagnosticar o que levava as mulheres a entrarem neste mundo da *perdição* e da *depravação*.

Em seus discursos os médicos deixam claro que a inserção das mulheres no mundo da prostituição, se dava devido a distúrbios psíquicos e físicos que as mesmas apresentavam. Para o saber médico a mulher possuía um formação psíquica inferior ao homem, sendo assim era vista como mais

propensa ao atos de depravação e imoralidade, que por ora constituíam a *sexualidade doente*.

O significado da sexualidade doente expressava-se também através da idéia de depravação, construída num campo demarcado por limites onde se entrelaçavam e se confundiam as noções de irracionalidade e de imoralidade. A prostituição, o homossexualismo, o alcoolismo e a histeria eram classificados segundo o saber médico como comportamentos desviantes e inseridos no âmbito da *Loucura* - concebida como expressão do instinto não controlado, a loucura é vista como um estado primitivo ou selvagem, caracterizado pela fragilidade da formação espiritual e individual do indivíduo.

Identificada como *carreira da devassidão*, a prostituição é, ao mesmo tempo, *desarranjo das faculdades mentais, fraqueza do espírito, ignorância*. Neste contexto, o predomínio do instinto sobre a razão é qualificado através de imagens simultaneamente reveladoras do delírio (loucura) e da degradação moral (pecado).

A noção de pecado não é destruída pelo médico. Na classificação dos espaços da normalidade e da anomalia, o pecado é incorporado como substância básica para a construção do sentido moral do corpo doente.

Assim sendo, de acordo com o diagnóstico médico, a mulher seria mais propensa do que o homem a viver só dos sentidos, e por isso, perderia a razão e pecaria mais facilmente e de modo mais grave:

O homem, debaixo dos eflúvios pestilentos da legítima prostituição, conduzido ao latíbulo de pecados pela mão inexorável da libertinagem..., saturado dos vícios eróticos, ferido pela seta eivada do desavergonhamento... tem quase perdido os foros de ser pensante:

...Esse homem... é movido só pelos sentidos, por eles vive; sua alma nada é mais do que o instinto de um bruto, a corda de um autônomo, nunca motora de um ser pensante!

A mulher de sensibilidade mais pronunciada e esquisita de uma imaginação muito mais ardente do que a do homem; a mulher que está apta para viver, quando virgem, donzela,

ou esposa honrada, somente pelos sentidos; imagine-se, quando entregues as mesmas causas que degradem este, do que será capaz!

Com certeza é capaz do que o homem é, e provavelmente é pior.<sup>10</sup>

Seguindo a mesma linha de análise feita por Margareth Rago, por mais de uma vez decodifica-se a constatação nos discursos médicos da presença do pensamento de Rousseau para quem a mulher, "associada totalmente ao instinto, à ausência de racionalidade, à incapacidade de controle sobre as paixões avassaladoras", é extremamente perigosa, devendo, portanto, receber "uma educação altamente autoritária que a confinasse ao lar como uma freira ao convento".<sup>11</sup>

A ambigüidade detectada no corpo feminino - portador de instintos sexuais mais aguçados em função da necessidade de reprodução - possui também um significado moral:

A mulher está no fundo de todos os acontecimentos humanos. Este ser maravilhosamente esquisito e perfeito é um destes contrastes nascidos cega e fatalmente da soberana evolução da humanidade, que o fez mãe e prostituta. (...) e o único meio que (a mulher) tem de sustentar o critério funcional da reprodução é moral: o sentimento de pudor.<sup>12</sup>

A concepção de prostituição é, deste modo, construída fundamentalmente através da oposição ao papel de esposa/mãe. O instinto sexual não controlado geraria a perversão e/ou a depravação, comprometendo não só a capacidade orgânica, mas também a capacidade moral da mulher para conceber e gerar filhos.

Destacada pelo médico como marca característica do corpo da mulher prostituta, a esterilidade é definida também através de critérios morais. A realização do desejo em si como finalidade predominante e/ou exclusiva da atividade sexual revelava, na prostituta, um comportamento desviante que se manifestaria na "busca do gozo perene do corpo"<sup>13</sup> e na opção pela esterilidade.

O aborto provocado, qualificado pelo médico de criminoso, é apontado como um dos aspectos denotadores da incapacidade moral da prostituta para exercer o papel de reprodutora.<sup>14</sup> Sendo moralmente doente, a prostituta seria conduzida a escolher a esterilidade, negando-se a exercer o papel de mãe, concebido pelo médico como única função capaz de conferir um sentido à vida da mulher. Ao encarar o filho - mesmo quando este chega a nascer - como um *estorvo*, a prostituta mostrar-se-ia inapta para cumprir a *tarefa sublime*, à qual estaria destinada a mulher saudável.<sup>15</sup>

A incapacidade física e/ou moral para a reprodução revelava-se como o critério básico na classificação médica dos tipos representativos da sexualidade pervertida e/ou depravada. Assim sendo, as relações sexuais situadas no âmbito da anormalidade tendiam a ser representadas através de imagens que as situavam como condutoras do vírus da sífilis e de outras doenças que estavam assolando o Rio de Janeiro na virada do século, ocasionando várias mortes.

Em tentativas de descrever o processo de contaminação sífilítica pelo *vírus* ou *líquido contagioso*, o Dr. Pereira das Neves, por exemplo construiu uma imagem na qual a palavra vírus era identificada a grão e a semente, conduzindo a uma associação entre a trajetória do sêmen na concepção e a do vírus na infecção sífilítica.

Dentro deste contexto, fazia-se presente nos discursos médicos a necessidade de se adotar o uso de preservativos, entre os mais citados na fala do médico podemos citar: os saquinhos membranos, o sabão preservativo, a unção com um corpo graxo, as simples lavagens aquosas e os pós ou licores usados antes ou depois do coito. Para o Dr. Pereira das Neves, *o melhor meio é aquele que se tem à mão para se empregar sem demora*.<sup>16</sup>

A prostituta, o libertino, o celibatário e o homossexual, expressões do comportamento desviante, eram, para o saber médico, contrapostos às imagens do homem-pai e da mulher-mãe-higiênica, criadas a partir dos padrões da normalidade inventada. É fato marcante através dos discursos médicos que o interesse presente nesta abordagem científica em relação ao corpo feminino (visto como palco da concepção e da gestação), o objetivo de controlá-lo através de uma política de higienização que abrangia tanto os aspectos físicos quanto os morais:

A teoria da inter-relação entre o físico e o moral permitia essa oscilação do olhar médico do corpo ao sentimento. Toda lesão física repercutia sobre a emoção e vice-versa. A noção de 'paixão' estabelecia o vínculo material e teórico entre os dois fenômenos e legitimava a extensão da ação médica ao comportamento e às emoções. As manifestações emocionais costumavam provocar desequilíbrio orgânico, ameaçando a saúde.<sup>17</sup>

A prostituição era tida pelas lentes da medicina e para os olhos de uma sociedade conservadora e tradicionalista como um símbolo de paixões arrebatadoras. Dentro deste contexto a prostituição encontra-se em oposição a idéia de casamento e de amor, o corpo da prostituta é apontado como lugar da perversão, da depravação e, portanto da esterilidade. Com este sentido, a prostituta era considerada em todos os seus significados como sendo um obstáculo físico e moral à viabilização do projeto de higienização do corpo. "Mulher perdida", "mulher dissoluta", "mulher decaída", *a prostituta é a mensageira do vício*, inimiga, que, como veremos, para os defensores da regulamentação sanitária da prostituição, não teria de ser destruída, mas sim transformada em aliada, através da ação normatizadora do médico.<sup>18</sup>

A prostituição em muito entrará em conflito com a ordem burguesa vigente no Rio de Janeiro do início do século XX pelo fato de encontrar-se vinculada a idéia de ociosidade em contraposição à idéia de trabalho. Outro fator também determinante deste conflito era o fato das prostitutas representarem a miséria da cidade, que não tendo como inserir no mercado de trabalho a quantidade de mão de obra em excesso, acabava gerando meios de trabalhos ilícitos e por isto condenáveis aos olhos da sociedade.

A prostituição constituía-se em uma ameaça para os planos governamentais de *Civilização e Progresso*, posto que refletia com sua essência ociosa os traços herdados de um passado colonial e escravista.

A concepção médica apontava os negros como sendo ociosos e agressivos, por isso que em muito se comparavam com as prostitutas.

Todo este contexto gerou no início do século a necessidade de normatizar às práticas sexuais realizadas pelas prostitutas, como forma de

garantir a manutenção da ordem burguesa presente em um país de tendências tradicionalistas e conservadoras e, em relação ao Rio tais práticas de normatização se fizeram mais do que necessárias não somente para garantir a ordem, o trabalho e a moral, como também para que a presença destas não ameaçassem o embelezamento da *cidade-modelo / cidade-vitrine*.

Para a execução destas tarefas a Saúde Pública embasada nos ideais de *Eugenia*, colocou em prática inúmeras medidas, sendo que, tanto as medidas postas em vigor quanto as executadas pela polícia, tinham como respaldo o saber e a visão do médico presente nos seus discursos, determinando assim a constituição da cientifização do saber e a cientifização do corpo e do sexo.

#### Notas

- \* Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.
- 1 FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade I*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p.27.
  - 2 CHAUI, Marilena. *Repressão Sexual* 3ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1984.
  - 3 ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: Saber Médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)* 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.16.
  - 4 ENGELS, Magali. op. cit., p.11.
  - 5 CAMINHOÁ, J. M. "Memórias Sobre a Profilaxia da Sífilis no Rio de Janeiro". In: *Anais da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1890. vol. LV, p.405.
  - 6 ENGEL, Magali. op. cit. p. 74.
  - 7 MACEDO, F.F. "Da prostituição em geral, e em particular em relação à Cidade do Rio de Janeiro: Profilaxia da Sífilis". Rio de Janeiro: Tip. Acadêmica, 1872. parte II, cap. II, p. 74.
  - 8 CUNHA, Herculano A. L. "Dissertação Sobre a Prostituição, em Particular na Cidade do Rio de Janeiro". Rio de Janeiro: Tip. Imparcial de Francisco de P. Brito, 1845.
  - 9 MACEDO, F.F., op. cit., p. 4.
  - 10 MACEDO, F. F. op.cit., p. 164.
  - 11 RAGO, Margareth. "Prazer e Perdição: A Representação da Cidade nos Anos Vinte". In: *Cultura e Linguagens, Revista Brasileira de História*. São Paulo:

- ANPUH/Marco Zero, n.º 13, set. 1986 / fev. 1987, p. 93.
- 12 SOUZA, J. F. de. "Memórias Sobre as Medidas a Adotar Contra a Prostituição no País". In: *Anais Brasilienses de Medicina*. Rio de Janeiro: Tip. Universal Laemmert, 1877. vol. XVIII, n.º 8,9,10, jan. 1877, fev. 1877, mar. 1877.
  - 13 SOUZA, J. F. op. cit., pp. 317-350.
  - 14 Em relação à prática do aborto criminoso, pelas prostitutas, veja-se H.A.L.Cunha, op. cit.
  - 15 ENGEL, Magali. op. cit. p. 83.
  - 16 NEVES, A.J.P. das. "Memórias". In: *Anais Brasilienses de Medicina*. Rio: Tip. De F. de P. Brito, vol. IX, n.º. 9, jun.1854, pp. 20 e 26-27.
  - 17 COSTA, J.F. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 142.
  - 18 ENGEL, Magali, op. cit., p. 85.